

*Não nos devemos preocupar com viver muitos anos, mas com vivê-los satisfatoriamente; porque viver muito tempo depende do destino, viver satisfatoriamente depende da tua alma. A vida é grande quando é cheia; e torna-se cheia quando a alma recuperou a posse do seu bem próprio e transferiu para si o domínio de si própria.*

Séneca in *Cartas a Lúcio*

“Sabes qual é a única *obrigação* que temos nesta vida? Pois é a de não sermos imbecis. (...) Há imbecis de diversos modelos, à escolha:

- a) O que acredita que não quer nada, o que diz que para ele é tudo igual, o que vive num perpétuo bocejo ou numa sesta permanente, mesmo que tenha os olhos abertos e não ressona.
- b) O que acredita que quer tudo, a primeira coisa que lhe aparece e o contrario do que lhe aparece: ir-se embora e ficar, dançar e estar sentado, mascar dentes de alho e dar beijos sublimes, tudo ao mesmo tempo.
- c) O que não sabe o que quer nem se dá ao trabalho de o averiguar. Imita os quereres dos seus vizinhos ou contraria-os porque sim, tudo o que faz lhe é ditado pela opinião maioritária daqueles que o rodeiam: é conformista sem reflexão ou revoltado sem causa.
- d) O que sabe que quer e sabe o que quer e, mais ou menos, sabe porque é que o quer, mas quer pouco, com medo ou sem força. Acaba sempre por fazer, bem vistas as coisas, o que não quer, deixando o que quer para amanhã, pois talvez amanhã esteja mais bem-disposto.
- e) O que quer com força e ferocidade, em estilo bárbaro, mas se enganou a si próprio acerca do que é a realidade; despista-se em grande e acaba por confundir a vida boa com aquilo que o há-de tornar pó.

Todos estes tipos de imbecilidade precisam de bengala, ou seja, precisam de se apoiar em coisas de fora, alheias, que nada têm que ver com a liberdade e a reflexão pessoais. Lamento dizer-te que os imbecis costumam acabar bastante mal, pense o vulgo o que pensar. Quando digo que ‘acabam mal’ não me refiro ao facto de acabarem na prisão ou fulminados por um raio (isso só nos filmes costuma acontecer); limito-me a indicar-te que costumam fartar-se de si próprios e nunca conseguem viver uma vida boa, como essa que nos agrada tanto, a ti e a mim. E ainda lamento mais informar-te que sintomas de imbecilidade quase todos nós os temos; bom, eu pelo menos descobro-os na minha pessoa dia sim, dia sim; oxalá que tu consigas melhor do que eu... Conclusão: Alerta! Em guarda! A imbecilidade espreita! A imbecilidade ronda e não perdoa!

(...) O contrario de se ser moralmente imbecil é ter-se *consciência*. (...) Em que consiste essa *consciência*, que nos curará da imbecilidade moral? Fundamentalmente nos traços seguintes:

- a) Saber que nem tudo vem a dar no mesmo porque queremos realmente viver e, além disso, viver bem, *humanamente* bem.
- b) Estarmos dispostos a prestar *atenção* para vermos se aquilo que fazemos corresponde ou não ao que deveras queremos.

- c) À base de prática, irmos desenvolvendo o *bom gosto* moral, de tal modo que haja certas coisas que nos *repugne* espontaneamente fazer (por exemplo, termos ‘nojo’ de mentir como temos em geral nojo de mijar na terrina da sopa que vamos comer a seguir...).
- d) Renunciarmos a procurar argumentos que dissimulem o facto de sermos livres e portanto razoavelmente *responsáveis* pelas consequências dos nossos actos.

(...) Convém introduzir aqui dois esclarecimentos a propósito da liberdade:

*Primeiro*: não somos livre de escolher *o que nos acontece* (ter nascido em certo dia, de certos pais, em tal pais, sofrer de um cancro ou ser atropelados por um carro, ser bonitos ou feios, ...), mas somos livres de *responder desta maneira ou daquela ao que nos acontece* (obedecer ou revoltar-nos, ser prudentes ou temerários, vingativos ou resignados, vestir-nos de acordo com a moda ou disfarçarmo-nos de urso das cavernas,...).

*Segundo*: sermos livres de *tentar* alguma coisa nada tem a ver com a sua *obtenção* indefectível. A liberdade (que consiste em escolher dentro do possível) não é a mesma coisa que a onipotência (que seria alguém conseguir sempre aquilo que quer, ainda que tal pareça impossível). Por isso, quanto maior *capacidade* de acção tenhamos, melhores resultados poderemos obter da nossa liberdade.”

“(…) Podemos lamentar ter agido mal embora estejamos razoavelmente convencidos de que nada nem ninguém exercerá represálias sobre nós. É que, agindo mal e dando-nos conta disso, compreendemos que estamos já a ser castigados, que nos mutilámos a nós próprios – pouco ou muito – voluntariamente. Não há pior castigo do que darmos-nos conta de estarmos a sabotar com os nossos próprios actos aquilo que na realidade queremos ser...”

(…) “O que há de sério na liberdade é que cada acto livre que faço limita as minhas possibilidades quando escolho realizar uma delas. (...) aquilo a que chamamos ‘remorso’ não é mais do que o descontentamento que sentimos connosco quando empregamos mal a nossa liberdade, quer dizer, quando a utilizámos em contradição com o que deveras queremos como seres humanos. E sermos responsáveis é sabermos-nos autenticamente livres, para o bem e para o mal: assumirmos as consequências do que fizemos, emendar o mal que possamos emendar e aproveitarmos o bem ao máximo. (...) Responsabilidade é saber que cada um dos meus actos me vai construindo, me vai definindo, me vai *inventando*. Ao escolher aquilo que quero vou-me transformando pouco a pouco. Todas as minhas decisões deixam a sua marca em mim antes de a deixarem no mundo que me rodeia.”

(...) Podemos viver de muitas maneiras, mas há maneiras que não deixam viver. (...) Tem de se ser imbecil, moralmente imbecil, para se supor que mais vale viver rodeado de pânico e de crueldade do que de amor e gratidão!”

in *Ética para um Jovem* de Fernando Savater, 2005 (13ª Edição Revista e Ampliada pelo Autor)

